

## Resenha

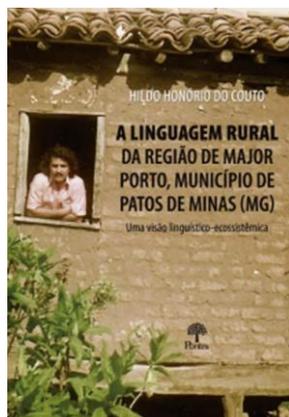
### *A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): uma visão linguístico-ecossistêmica*

ERICK SAMUEL SILVA THOMAS

Graduado em Letras - UFG

E-mail: thomaserick98@gmail.com

COUTO, Hildo Honório do. **A Linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): uma visão linguístico-ecossistêmica**. Campinas, SP: Pontes, 2021.



O livro *A linguagem da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): uma visão linguístico-ecossistêmica*, de Hildo Honório do Couto, é uma grande contribuição para duas áreas dos estudos linguísticos, o que já está indicado no próprio título, e para a teoria e aplicação da versão da Ecolinguística chamada de Linguística Ecossistêmica no Brasil.

A obra é fruto de esforços, debates, orientações e reflexões acerca de uma visão holística da linguagem. Em sua introdução, Hildo Honório apresenta algumas considerações de vital importância, como trabalhos já desenvolvidos e o que será discutido no livro. Nesse momento, o leitor depara-se com os objetivos da escrita do livro, que é apresentar a versão brasileira da Ecolinguística e seus pressupostos fundamentais, aplicando-os na descrição e na análise de vários aspectos da linguagem da região de Major Porto (MG).

O livro conta com um prefácio e um posfácio. O prefácio (Prólogo) é escrito pela escritora e ecolinguista espanhola da Galiza, Teresa Moure (Universidade de Santiago de Compostela). A certa altura ela diz que O posfácio (Epílogo) foi escrito pelo também habitante “Hildo Honório do Couto descreve uma fala parcialmente perdida, uma fala que tende ao desaparecimento nesta voragem de homogeneização que o nosso mundo

padece”. Um pouco mais à frente acrescenta que “quem isto escreve [Teresa Moure - ESST] mora no outro lado do oceano, na Galiza, o país em que nasceu a variedade linguística que agrupa a fala descrita pelo professor Hildo Honório do Couto e a minha própria, para além de outras muitas. A variedade que eu falo, o galego, inteligível para uma pessoa do Major Porto e, em simultâneo, diferente, tem problemas de reconhecimento” (MOURE, 2021 *apud* COUTO, 2021, p. 12 - 13), ou seja, é discriminada.

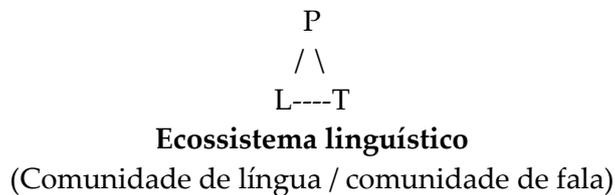
O posfácio (Epílogo) foi escrito pelo também habitante de uma província da Espanha, a Catalunha, ou seja, Pere Comellas-Casanova, da Universidade de Barcelona. O interessante deste epílogo é que ele foi escrito em catalão, sendo que parte dele foi reproduzida em português na quarta capa do livro. Vale a pena reproduzir toda esta quarta capa.

Este livro não é um exercício de nostalgia. O Dr. Hildo Honório do Couto explica-o na Introdução, o que, na verdade não era necessário. Nostalgia é o contrário da visão ecolinguística e diversófila em que ele se baseia. Nostalgia é estática, pois pretende congelar, mumificar e manter ao abrigo da vida uma situação mitificada e falsamente idílica. A proposta de **A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas: uma visão linguístico-ecossistêmica** implica reconhecer e celebrar a diversidade, quer dizer, a mudança, a surpreendente capacidade dos seres humanos de adaptar-se, de criar cultura local, o que implica língua local. As práticas linguísticas dos habitantes da atual Major Porto (ex-Capelinha do Chumbo) são resultado da interação interpessoal que se dá no contexto do território. Estes são os três elementos básicos da Linguística Ecolinguística: interação (língua) interpessoal (povo) em um lugar (território), entendendo língua não como “código” ou “instrumento”, mas como a dinâmica da própria interação. Os textos de Couto que formam este livro já implicam o valor desta interação, única e localizada em uma comunidade linguística maior, ao mesmo tempo produto e produtora de uma cultura que perdura porque evolui. Esta reivindicação, que é a reivindicação da diversidade, da possibilidade da diferença, vai contra as forças homogeneizadoras da ideologia padrão e do estado-nação. Vai contra a mentalidade uniformizadora que considera as línguas como códigos civis (ou penais) com seus artigos prescritivos e seus anátemas: ‘isto não é correto’, ‘você não sabe falar’, ‘esta expressão é própria de ignorantes’. Conceber a língua como interação é compreender a dinâmica da vida (COMELLAS-CASANOVA, 2021 *apud* COUTO, 2021, p. 141).

No primeiro capítulo, intitulado “Bases Teóricas”, o autor conceitua a Ecolinguística como sendo o estudo das relações entre língua e meio ambiente (COUTO,

2007), ressaltando que atualmente se prefere defini-la como estudo das interações verbais que se dão no interior do ecossistema linguístico, que pode ser entendido como uma comunidade de língua ou comunidade de fala. Ainda neste capítulo, o autor discute os princípios da Linguística Ecológica, que possui esse nome por partir do conceito central da Ecologia, que é o ecossistema.

Por meio da figura de um tripé, Hildo afirma que o ecossistema linguístico consta de uma população, povo ou pessoas (P), vivendo em seu território (T) e seus membros interagindo entre si por meio do modo tradicional de interagir, que é sua língua ou linguagem (L) (COUTO, 2021). Utilizando como exemplo a região que constitui seu material de pesquisa, Couto diz que as pessoas com nomes próprios devem ser representadas por P. Essas pessoas convivem no território (T) em que Major Porto está situada. Por fim, o modo pelo qual essas pessoas interagem entre si é a sua linguagem (L). Isso está representado no tripé teórico do ecossistema linguístico reproduzido na figura logo a seguir.



No capítulo 2, intitulado “A comunidade de fala fazenda Capivarinha”, Hildo retoma, de modo mais extensivo, os conceitos de comunidade de língua e comunidade de fala. Ele os define assim:

[...] a comunidade de língua portuguesa compreende Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, independentemente de a língua estar sendo usada no momento ou não. [...] A comunidade de fala (CF) já não é tão fixa como a comunidade de língua. [...] O linguista pode delimitar o Brasil todo como a CF que irá investigar para, por exemplo, estabelecer o atlas linguístico do Brasil. Pode delimitar só Minas Gerais, ou só o município de Patos de Minas, ou só Major Porto. Pode até mesmo delimitar o bairro majorportense de Catiara ou a avenida José de Souza Rego (COUTO, 2021, p. 25).

No fim desse capítulo, há uma definição de língua e linguagem dentro dos princípios da Linguística Ecológica. Para essa perspectiva de estudo, a linguagem é um fenômeno biopsicossocial. O autor acrescenta que o conceito de comunidade de fala exemplificado com a fazenda Capivarinha é uma espécie de síntese de todo o livro. Ele acrescenta que

[...] uma vez delimitada a comunidade de fala permite um tratamento científico preciso, inclusive nos termos do

estruturalismo. O pesquisador tem que se ater a ela, considerando-a holisticamente, sem deixar de lado nenhum de seus componentes. Ele pode averiguar todas as interações que se dão em seu interior, na medida do possível (COUTO, 2021, p. 32).

Por meio da Interação Comunicativa, o autor descreve o fluxo interlocucional entre sujeitos da fazenda Capivarinha, no contexto da Ecologia da Interação Comunicativa (EIC). Acrescenta que para uma interação comunicativa ser eficaz é necessário que os interlocutores estejam em comunhão.

No capítulo 3, “Nomes de lugares: a microtoponímia na interação pessoa-pessoa e pessoa-mundo”, Couto aborda questões relacionadas à interação pela microtoponímia que diz respeito a denominações de acidentes e fenômenos existentes em territórios de pequenas dimensões. Esse capítulo é de fundamental relevância, uma vez que trata dos seguintes conceitos: toponímia, microtoponímia e etnotoponímia. Uma conclusão interessante é que os microtopônimos geralmente são conhecidos apenas pelos membros da comunidade de fala, uma vez que eles existem para as pessoas se orientarem no espaço. Vale dizer, eles existem para as pessoas comunicarem entre si sobre seu meio ambiente natural.

Durante o capítulo 4, “Nomes de pessoas: apelidos”, o autor discute como as pessoas se dão nomes e apelidos através da interação e de inúmeros exemplos que justificam essa discussão. Nota-se que o nome real das pessoas no local são os apelidos, não os nomes oficiais, “de registro”, o que de certa forma contribui para a identidade e coesão do grupo. Aliás, Couto ressalta que essa prática é muito comum em qualquer comunidade pequena do interior do Brasil e até em cidades como Cláudio, como se pode ver no artigo de Hildo Couto na revista *Humanidades* da UnB (n. 11, 1986/1987, p. 65-70).

O próximo capítulo, “Nomes de animais domésticos”, diz respeito à necessidade de nomear os animais domésticos, pois há uma intensa interação dos habitantes de fazendas tradicionais com eles. Os animais ali presentes eram cavalos, galinhas e porcos, entre outros. É interessante notar que há sons específicos para se comunicar com cada uma dessas espécies de animais. O registro aqui feito desse tipo de comunicação é importante, uma vez que ele está desaparecendo com a globalização.

Seguindo nesse eixo temático, o capítulo 6, “Nomes de plantas e a Etnomedicina”, trata da nomeação de plantas silvestres e domesticadas, bem como de ervas medicinais. Ao longo do capítulo, o autor argumenta sobre o conhecimento dessas plantas por parte dos moradores das fazendas. As questões presentes nos capítulos anteriores são discutidas, ressaltando a visão ecológica de mundo e o ecossistema linguístico analisado. De um modo geral, esse tipo de nomeação segue os mesmos princípios da nomeação de lugares (cap. 3), de pessoas (cap. 4) e de animais (cap. 5). Para se comunicar entre si sobre seu entorno, os membros da comunidade precisam dar nome ao que existe nele.

Em seguida vem o capítulo 7, “Comunicação humano-animal numa fazenda”, que complementa o que foi dito no capítulo 5 sobre os nomes de animais domésticos. Na comunicação com eles lá mencionada, os humanos dão ordens, e o animal obedece, quando/se o faz. Nesse capítulo, o professor Hildo afirma que a Linguística

Ecossistêmica não se restringe à comunicação entre humanos, mas inclui também a comunicação entre humanos e animais.

O capítulo 8, “A memória e a existência da comunidade”, aborda um tema de vital importância, ou seja, a memória, para a existência da comunidade. Na verdade, uma comunidade só existe enquanto seus membros existirem e enquanto tiverem memória do território (T), do povo (P) que ocupa e sua história, inclusive sua linguagem (L). A “A comunidade de fala da fazenda Capivarinha”, estudada no capítulo 2, por exemplo, não existe mais, pois todos seus membros já faleceram ou se mudaram para outros lugares. O que ainda existe é o espaço, embora dividido de modo diferente do que era durante a existência da comunidade, logo não é exatamente o mesmo espaço que constituía o lado T da comunidade.

No último capítulo (o nono), o autor fala sobre as “Narrativas orais”, presentes nas regiões rurais estudadas. Ele discute a concepção de língua como interação e, ainda, apresenta um exemplo de análise das narrativas pela ótica da Linguística Ecossistêmica. Trata-se de uma mininarrativa, mas, segundo o autor, o que se diz dela em princípio vale também para narrativas maiores. Um fato interessante apontado é que, mesmo quando o narrador omite várias coisas, pospõe ou antecipa fatos, o ouvinte de sua comunidade entende tudo. Isso mostra que há uma espécie de contrato tácito entre eles de que aquilo que o narrador efetivamente diz, mesmo que aparentemente desconjuntado na estrutura superficial, corresponde a uma estrutura profunda lógica, que só não é seguida à risca por motivos de economia, de conhecimentos compartilhados etc.

Por fim, temos as conclusões do livro, em que o autor procurou apresentar uma visão geral da linguagem rural na região de Major Porto em Minas Gerais. É importante mencionar que o livro *A Linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): uma visão linguístico-ecossistêmica* é realmente importante por apresentar não só uma linguagem que está desaparecendo com o avassalador processo de globalização, mas também a teoria ecolinguística da Linguística Ecossistêmica, proposta teórica do próprio autor do livro.

Com uma linguagem simples e objetiva, Hildo Honório do Couto, precursor da Ecolinguística no Brasil, nos apresenta essa obra de vital relevância para o desenvolvimento da Ecolinguística e da Linguística Ecossistêmica nos ambientes acadêmicos, além de dar uma visão geral da linguagem da região de Major Porto (MG). É uma obra que influencia o desenvolvimento de pesquisas, como trabalhos de curso, dissertações e teses que investigam fenômenos sociais a partir dos diversos ecossistemas linguísticos, concebendo a língua como um fenômeno biopsicossocial.

## REFERÊNCIAS

COUTO, Hildo Honório do. **A Linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): uma visão linguístico-ecossistêmica**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

COUTO, Hildo Honório do. **Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente**. Brasília - DF: Thesaurus, 2007.